

capacidade de incentivo. É de se lamentar que, em certas seqüências, a marcação se tornasse inexplicavelmente lenta. A cena inicial do encontro de 'Lou' com seu suposto rival, 'Ed William', no clube, obedeceu a um ritmo confuso, que chegou, quase, a comprometer o efeito da surpresa final. A cena na portaria do prédio de apartamentos pareceu-nos, também, desnecessariamente arrastada. Por outro lado, certos deslizes, embora insignificantes, feriram a atenção do telespectador. Por que motivo, por exemplo, 'Peterson', o secretário de 'Hendrix', andava em busca do chefe, chegando até a procurá-lo no apartamento de 'Nellie Brown'? Quando 'Hendrix' — já preparando o álibi — lhe telefona para o escritório, perguntando se há novidades, 'Peterson' confirma que 'passara' o dia todo à sua procura, mas que não havia nada de novo... Quer-nos parecer que, aqui, nesta aparente incoerência do texto, andou o dedo da censura... O trabalho dos câmeras teve, neste espetáculo, boas oportunidades, como o da luta de 'Hendrix' e 'Nellie', vista apenas pelos pés dos atores, as cenas do julgamento no tribunal imaginário.

Cenários satisfatórios, com montagem excepcionalmente cuidada. É verdade, porém, que nos pareceu estranhável a presença de um guarda-roupa no elegante living do apartamento da cantora. Por outro lado, a Walter Stuart — o diretor de montagem — escapou um pormenor deveras curioso: numa **boite** de luxo, como o Paradise Club jamais serviriam **whiskey** em copos de vinho...

Quanto à interpretação, Dionísio e Maria Cecília mostraram-se convincentes nos respectivos papéis, principalmente o primeiro, cuja máscara fisionômica se prestou admiravelmente para refletir o que ia no espírito do alucinado herói sem paixão. Efeitos sonoros bem elaborados (mormente na cena da morte de 'Ed White', em que o estampido do tiro é abafado pela 'bateria' da orquestra de jazz), deram especial relevo às principais cenas dessa realização do **Teatro de Vanguarda** que, dia a dia, se torna mais merecedor dos aplausos de todos os apreciadores da verdadeira televisão." (15)

O **Ninho Encantado**, apresentado no TV de Vanguarda em 2 de novembro de 1952, constituiu outro exemplo de espetáculo resultante de adaptação de um filme.⁽¹⁶⁾ Como novidade, aparecia pela primeira vez no programa o galã J. Silvestre. Os demais artistas do elenco eram: Lia de Aguiar, Yara Lins, Guiomar Gonçalves, Célia Rodrigues, Walter Stuart, David Neto e o menino Adriano Roberto. Na terça-feira seguinte à transmissão, a sempre ufanista coluna Rádio e TV comentava:

"A história exigiu cenários especiais, muito bem confeccionados por Carlos Giacchini e seus colaboradores, destacando-se os interiores da antiga mansão e aquele exterior fingindo proximidade de praia, com filme em ótima fusão. E a direção de TV a cargo de Cassiano Gabus Mendes esteve felicíssima, notadamente naquela mudança de cena em que passou da cabeleira de Lia para a de Yara, numa rápida transposição dos intérpretes numa mesma sala." (Foto 7)

Sobre a atriz Lia de Aguiar, o colunista acrescentava:

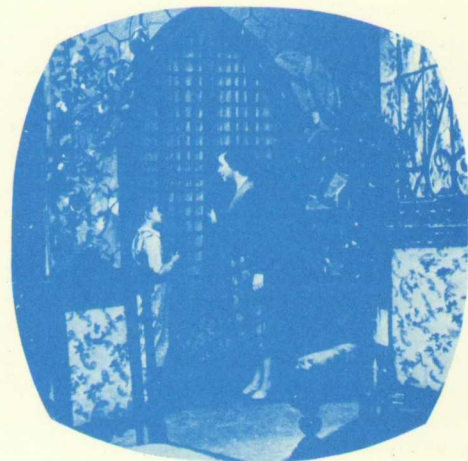
"Lia de Aguiar mais uma vez ganhou aplausos da crítica em **O Ninho Encantado** (...). Com mais essa extraordinária atuação, de domingo último, em que se metamorfoseava de instante a instante, num papel difícilíssimo, ela vem a merecer, de fato, o prêmio deste ano dos cronistas como a **melhor intérprete dramática da TV**..." (17)

A esse espetáculo seguiu-se em 16 de novembro **O Homem que Vendeu a Alma**, baseado num conto de Stephen Vincent Benét, cuja transmissão o **Diário da Noite** assim comentou:

"TV de Vanguarda — Uma das mais esplêndidas realizações da televisão do Sumaré, o TV de Vanguarda vem de nos oferecer uma feliz adaptação de **O Homem que Vendeu a Alma**, de autoria de Stephen Vincent Benét, êxito do cinema. O script de TV foi de autoria de Walter George Durst, um apaixonado pela arte cinematográfica, que conseguiu reproduzir no vídeo uma imagem fiel do original, para o que foi magnificamente auxiliado pelos serviços de sonoplastia e cenografia dos estúdios do Sumaré. Lima Duarte, a figura central da peça, e Dionísio Azevedo, o 'Diabo', roubaram para si grande parte do êxito interpretativo, seguidos de Vida Alves, a 'sobrinha do diabo', de Maria Cecília, David Neto e o menino Adriano Roberto. Muito segura a direção geral de TV confiada a Cassiano Gabus Mendes, o grande estuasiasta do TV de Vanguarda." (18) (Foto 8)

A fidelidade à imagem do original a que alude o texto nos parece mais próximo do script cinematográfico do que do conto de Benét. Durst, por precaução, preferia continuar a se apoiar nas versões cinematográficas, cujos scripts, já decupados em termos visuais, chegavam continuamente a suas mãos graças ao programa Cinema em Casa, da rádio Difusora. Além disso, a adaptação para televisão baseada nesses scripts tornava-se mais fácil de ser feita do que aconteceria se ele tivesse de escolher um texto literário original e adaptá-lo.

Aos poucos, o TV de Vanguarda aventurou-se a textos mais ambiciosos e em dezembro de 1952, Durst adaptava o romance de Orígenes Lessa **O Feijão e o Sonho** — que foi ao ar no dia 14 —; na quinzena seguinte era a vez de Longa Agonia, peça de A.F. Tavernard. Participavam desta última Maria Cecília, Francisco Negrão, Lima Duarte, David Neto e José Parisi; a direção do espetáculo coubera a Cassiano Gabus Mendes e o patrocínio, que vinha variando de espetáculo a espetáculo, ficara por conta de Invictus.



(Foto 7) Adriano Stuart e Lia de Aguiar em **O Ninho Encantado** (2.11.1952).
TV de Vanguarda — TV Tupi — São Paulo
Foto/Arquivo de Lia de Aguiar



(Foto 8) Vida Alves, Lima Duarte e Dionísio Azevedo em **O Homem que Vendeu a Alma** (16.11.1952).
TV de Vanguarda — TV Tupi — São Paulo
Foto/Arquivo de Vida Alves

(15) Não foi possível determinar o nome do jornal nem do autor da crítica, cedida ao IDART por Dionísio Azevedo.

(16) Tratava-se de uma adaptação do filme americano **O Doce Milagre do Amor**.

(17) **Diário da Noite**, 4 de novembro de 1952.